

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PATRÍCIA FERREIRA MARASSI

O(S) TRABALHO(S) DAS MULHERES
PROFESSORAS DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Dourados-MS

2020

PATRÍCIA FERREIRA MARASSI

**O(S) TRABALHO(S) DAS MULHERES
PROFESSORAS DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi/UFGD como requisito para à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profª Dra Jacy Corrêa Curado

Dourados-MS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M311t	<p>Marassi, Patrícia Ferreira.</p> <p>O(s) trabalho(s) das mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia. / Patrícia Ferreira Marassi. – Dourados, MS: UFGD, 2020.</p> <p>Orientadora: Prof. Dra. Jacy Corrêa Curado.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Mulheres professoras da fronteira. 2. Divisão sexual do trabalho. 3. Psicologia social. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

PATRÍCIA FERREIRA MARASSI

**O(S) TRABALHO(S) DAS MULHERES PROFESSORAS DA FRONTEIRA
BRASIL-BOLÍVIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGpsi/UFGD, como requisito para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

Profª Dra. Marisa de Fátima Lomba Farias
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Membra Titular da Banca Examinadora

Profª Dra. Sandra Fogaça Rosa Ribeiro
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Membra Titular da Banca Examinadora

Profª Dra. Jacy Corrêa Curado
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
Professora Orientadora – Presidente da Banca Examinadora

Profº Dr. Marcílio Rodrigues Lucas
Universidade Federal da Grande Dourados
Membro Suplente da Banca Examinadora

Índice de Ilustrações

Tabela 1: Resultado encontrado a partir dos descritores: 1) Psicologia, 2) Mulher e 3) Professora nas bases de dados nacionais.	27
Tabela 2: Resultado encontrado a partir dos descritores: 1) Mulheres trabalhadoras e 2) Professoras.	28
Tabela 3: Resultado encontrado a partir dos descritores: 1) Mulheres trabalhadoras e 2) Docentes.	30
Tabela 4: Relação das escolas participantes	64
Tabela 5: Caracterização das Mulheres Professoras	65
Gráfico 1: Divisão assimétrica do trabalho doméstico	74
Gráfico 2: Trabalho de cuidado com filhos/as	76
Gráfico 3: Quem faz esses trabalhos?	77
Tabela 6: Correspondente a questão 15 do questionário	81
Tabela 7: Questão 16	82
Tabela 8: Questão 17	83
Figura 1: Quando tem alguma dificuldade e sente que precisa de um apoio, a quem normalmente você recorre?	86
Figura 2: O que você normalmente faz para se sentir melhor em relação a sua saúde mental, física e social?	82

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	MULHER PROFESSORA DA FRONTEIRA: uma perspectiva feminista.....	14
1.1	SER MULHER PROFESSORA? Um destino traçado.....	16
1.2	SER MULHER PROFESSORA NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA.....	20
2	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	27
2.1	ESTUDOS DE GÊNERO: construção enquanto categoria analítica.....	40
3	MAPEAMENTO: a ausência da análise de gênero do trabalho docente na fronteira.....	47
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	55
4.1	Psicologia Social em diálogo com a Epistemologia Feminista.....	57
4.2	Pesquisa quali-quantitativa.....	59
4.2.1	<i>Ferramenta de Pesquisa: Questionário sobre gênero e trabalho.....</i>	60
4.2.2	<i>Entrevista sobre as relações de trabalho e fronteira.....</i>	62
5	O CAMINHO DA PESQUISA: resultados e discussão	63
5.1	Caracterização das Mulheres Professoras da Fronteira Brasil-Bolívia.....	65
5.2	Ajuda ou compartilhamento igualitário?.....	72
5.2.1	Trabalhos domésticos.....	73
5.2.2	Trabalho de cuidado com os filhos e filhas.....	76
5.2.3	Compras e mercado: quem faz esses trabalhos?.....	77
5.3	Divisão do tempo semanal.....	80
5.4	Eu ou Ele: quem trabalha mais?.....	82
5.4.1	Concordâncias e discordâncias acerca dos discursos sexistas.....	85
5.5	Estratégias de apoio.....	88
	Considerações finais.....	89
	REFERÊNCIAS.....	94
	ANEXOS.....	102
	Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.....	103
	Anexo 2 - Questionário.....	104
	Anexo 3 - Roteiro da entrevista.....	109

Dedico esta pesquisa...

*Às mulheres trabalhadoras,
que trabalham em casa,
e que trabalham fora.*

Porque todos são trabalhos, remunerados ou não!!

Dedico às mulheres que nunca param...

de trabalhar,

de limpar, lavar, passar, cozinhar, estudar, ensinar

e de cuidar

das suas filhas e filhos, do marido, familiares, alunas e alunos.

Tudo isso, porque fomos ensinadas a organizar e reproduzir

para um sistema patriarcal e sexista.

Encontrapartida, aprendemos também a questionar e refletir acerca das

assimetrias sociais e de gênero,

construídas ao longo da nossa história, mas ainda presentes em 2020,

entretanto ressignificadas para o futuro.

Enfim...dedico à todas as mulheres trabalhadoras,

empoderadas e feministas!!

AGRADECIMENTOS

Às Mulheres Professoras da Fronteira Brasil-Bolívia, da cidade de Corumbá, que aceitaram participar do nosso estudo, pois sem elas não seria possível a realização da nossa pesquisa.

A minha mãe, ao meu pai e irmãos, os quais não mediram esforços nessa caminhada em busca do título de Mestre em Psicologia, que se dedicaram e dividiram comigo os dias de saudades.

A Profa. Dra. Jacy Corrêa Curado, mulher empoderada, professora, e orientadora competente e dedicada, por acreditar desde o início no desenvolvimento desta pesquisa, e que no durante foi compreensiva com minhas dificuldades, mas que ao mesmo tempo, foi rígida ao me ensinar a fazer pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFGD, que proporcionou a ampliação do meu conhecimento profissional.

Ao corpo docente do PPGPsi-UFGD por compartilhar seu aporte teórico e contribuir na elaboração do projeto e delineamento desta pesquisa.

Como também aos docentes da UFMS-CPAN do curso de Psicologia que contribuíram para minha formação profissional enquanto Psicóloga, e em especial ao Professor Orientador Ilidio Roda Neves, que me apresentou durante a graduação a relevância da pesquisa acadêmica e demonstrou seu compromisso social enquanto docente em uma Universidade pública.

Ao Gustavo de Oliveira Araújo, secretário do programa, pela disponibilidade e atenção na resolução dos problemas burocráticos.

A CAPES, pelo auxílio financeiro necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

E as pessoas amigas que conheci em Dourados durante o mestrado, que me acolheram nas horas mais difíceis, e comemoraram comigo as conquistas.

RESUMO

As reflexões apresentadas nesta pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, na Linha de Pesquisa Processos Psicossociais foram construídas a partir da concepção das Mulheres Professoras da Fronteira Brasil-Bolívia, especificamente na cidade de Corumbá. Os caminhos teóricos e metodológicos foram construídos pela Psicologia Social em diálogo com a Epistemologia Feminista, particularmente na área dos Estudos do Trabalho da Mulher em uma perspectiva de gênero, com o objetivo de compreender a divisão sexual do trabalho no cotidiano das participantes e as suas estratégias de apoio. A pesquisa quali-quantitativa foi realizada por meio da aplicação de um questionário com 60 professoras que trabalham no Ensino Fundamental I e II em 10 escolas municipais, com questões acerca das relações oriundas dos seus trabalhos (doméstico, de cuidado e profissional), bem como por meio de entrevistas realizadas com 6 professoras sobre as relações construídas com alunas/os no contexto fronteiriço. As participantes do nosso estudo responderam perguntas sobre seu cotidiano, como mulheres, mães e esposas, além da condição de ser professora. Entre as problematizações analisadas constatamos a existência das assimetrias sexistas nos trabalhos não-remunerados realizados nas casas das participantes da pesquisa, característica que demonstra a presença da divisão sexual do trabalho no dia a dia dessas mulheres. Na prática, isso significa que não há divisão igualitária nas tarefas vinculadas à organização familiar entre os membros das famílias participantes, e os trabalhos domésticos, como limpar a casa, lavar, passar as roupas, e cozinhar são realizados pelas mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia, e seus esposos apenas “ajudam” com a limpeza do quintal, com o serviço bancário, com as compras no supermercado e nas tarefas de levar e buscar as/os filhas/os na escola. Compreendemos assim, uma condição naturalizada a respeito da divisão das atividades domésticas e de cuidado com base no gênero, e reconhecemos a importância de inserir a análise da divisão sexual do trabalho na vida, nas relações familiares, sociais e de trabalho das mulheres em nossas pesquisas.

Palavras-chave: Mulheres Professoras da Fronteira; Divisão Sexual do Trabalho, Psicologia Social.

ABSTRACT

The reflections presented in this research linked to the Graduate Program in Psychology at the Federal University of Grande Dourados-UFGD, in the Research Line Psychosocial Processes were built from the conception of Women Teachers from the Brazil-Bolivia Frontier, specifically in the city of Corumbá. Theoretical and methodological paths were constructed by Social Psychology in dialogue with Feminist Epistemology, particularly in the area of Women's Labor Studies in a gender perspective, with the aim of understanding the sexual division of labor in the participants' daily lives and their strategies of support. The quali-quantitative research was carried out through the application of a questionnaire with 60 teachers who work in Elementary School I and II in 10 municipal schools, with questions about the relationships arising from their work (domestic, care and professional), as well as through interviews with 6 teachers about the relationships built with students in the border context. The participants in our study answered questions about their daily lives, such as women, mothers and wives, in addition to being a teacher. Among the analyzed problems, we found the existence of sexist asymmetries in the unpaid work carried out in the homes of the research participants, a characteristic that demonstrates the presence of the sexual division of labor in the daily lives of these women. In practice, this means that there is no equal division in the tasks linked to family organization among members of the participating families, and housework, such as cleaning the house, washing, ironing, and cooking, is carried out by the female teachers from the Brazil- Bolivia, and their spouses only "help" with cleaning the yard, with banking, with shopping at the supermarket and with the tasks of taking and picking up their daughters from school. We understand, therefore, a naturalized condition regarding the division of domestic and care activities based on gender, and we recognize the importance of inserting the analysis of the sexual division of labor in life, in family, social and work relationships in our research.

Keywords: Women's Teachers of the Frontier; Sexual Division of Labor; Social Psychology.

INTRODUÇÃO

A priori, considero relevante apresentar alguns deslocamentos que contribuíram para o delineamento desta dissertação intitulada “O(S) TRABALHO(S) DAS MULHERES PROFESSORAS DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA”, na qual traçamos como objetivo geral: compreender a divisão sexual do trabalho no cotidiano das mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá e as suas estratégias de apoio.

E como objetivos específicos: mapear a literatura na base de dados on-line sobre mulher, professora em áreas de fronteira; bem como revisar os referenciais bibliográficos acerca dos conceitos: divisão sexual do trabalho e gênero; analisar as perspectivas das participantes sobre o trabalho das mulheres; identificar as estratégias de apoio utilizadas pelas mulheres professoras no dia a dia; e apontar as contribuições dos estudos de gênero e trabalho das mulheres para a psicologia e políticas públicas.

O trilhar da pesquisadora no campo da pesquisa acadêmica se iniciou durante a graduação, assim como com várias meninas e mulheres, foi após ingressar em uma Universidade Pública que conheci o feminismo, e desde então tenho dedicado parte de meus estudos às teorias feministas enquanto campo de conhecimento teórico e metodológico.

Conhecimento que proporcionou minha compreensão acerca das desigualdades oriundas do gênero, até então naturalizadas no meu cotidiano, em outras palavras, comecei a entender as contradições e implicações decorrentes do fato de ser mulher na nossa sociedade capitalista, patriarcal, androcêntrica e sexista.

Foi também a partir da epistemologia feminista, que percebi como este espaço acadêmico já foi limitado para as mulheres, no entanto ao longo das lutas feministas está sendo conquistado através de muita persistência, resistência e rigor acadêmico.

Penso que, por meio desses deslocamentos oriundos da minha relação com o feminismo, me fizeram mudar de posicionamento, na mesma medida que me moveram da inatividade política para a militância. Transição essa, que me levou ao caminho de rompimento com o pensamento positivista, a desconstrução das verdades absolutas, de desnaturalização e ressignificação da condição da mulher.

Desde então, estes foram alguns dos elementos direcionadores para a pesquisa acadêmica, como uma das possibilidades de mudanças dessa conjuntura e

das contradições produtoras de desigualdades sociais, econômicas, culturais e também de gênero.

Assim sendo, essa trajetória teve início na graduação em Psicologia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – *Campus* do Pantanal (UFMS-CPAN), especificamente durante os anos 2013 a 2017, participei de grupos de pesquisa e extensão nos campos de: saúde e trabalho com o Prof^o Dr. Ilídio Roda Neves, educação com a Prof^a Dr. Beatriz Xavier Flandoli e discussões sobre gênero com a Prof^a Claudia Elizabete Moraes Mondini, relações essas, atravessadas de reflexões e conhecimentos acerca dessas temáticas.

Desde então, decidi desenvolver uma pesquisa no trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a “SAÚDE DO TRABALHADOR E DOCÊNCIA: um estudo com professoras do Atendimento Educacional Especializado da Rede Municipal de Educação do interior do estado do Mato Grosso do Sul” no ano de 2017.

Com este estudo, tive a oportunidade de conhecer um pouco do cotidiano de cinco mulheres professoras que trabalhavam com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas salas de recurso de escolas municipais, nas quais eram visíveis as condições de trabalho precarizado, além de serem sobrecarregadas pelo quantitativo de alunos/as.

Além das condições de trabalho, pude observar a influência da divisão sexual do trabalho no cotidiano dessas profissionais, assim como a invisibilidade das professoras em um contexto que desconsidera a predominância de mulheres, desde as responsáveis pela limpeza até as da direção da escola. Nesta pesquisa, o objetivo inicial foi analisar a relação entre contexto de trabalho e saúde de professores concursados e contratados da rede Municipal de Educação, motivo limitante dos caminhos da nossa pesquisa, e com isso não pudemos incluir na análise as relações de gênero presentes no cotidiano das participantes, e tivemos que arquivar alguns dados.

Diante desse contexto, nasce minha inquietude acerca da desvalorização histórica das mulheres tanto no trabalho pago quanto no não pago, o que me conduziu ao Programa de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, no qual optei por pesquisar as temáticas concatenadas: gênero, trabalho em área de fronteira.

Parto assim, dessa inquietação, e com a orientação da Prof^a. Dr^a. Jacy Corrêa Curado para delinear esta pesquisa ainda com mulheres professoras, mas desta vez com outros direcionamentos e em contexto fronteiriço.

Acreditamos dessa forma, que esta pesquisa, contribuirá direta e indiretamente na luta contra a disparidade de gênero e com a valorização (pessoal, financeira e profissional) dos trabalhos das mulheres na sociedade contemporânea, além de colaborar para a manutenção e resistência das mulheres nesse contexto de produção científica, bem como para a inserção e ampliação dos estudos de gênero e do trabalho da mulher na psicologia.

Entretanto, sabemos que o caminho de luta é longo, mas sabemos também que nós mulheres devemos ser as protagonistas na desconstrução das relações desiguais de gênero e buscar por equidade e efetividade dos nossos direitos.

É relevante destacar que, em decorrência do nosso posicionamento enquanto mulheres, pesquisadoras, psicólogas e feministas, tomamos a liberdade de utilizar uma linguagem sexuada ao longo desta dissertação, pois organizaremos os nomes completo das/os autoras/es quando citados pela primeira vez, ou seja, fora da formatação tradicionalmente exigida nos trabalhos acadêmicos, em que se utiliza somente o sobrenome como forma de identificação da autoria.

Através desta posição, pretendemos também dar visibilidade à identidade das pesquisadoras e dos pesquisadores referenciados, ao mesmo tempo que evidenciar a presença feminina nas produções científicas em razão da relevância deste espaço de protagonismo intelectual e científico, nos dando assim a possibilidade para a desconstrução de mais um tipo de reprodução do modelo assexuado, mas neste caso vinculado a produção acadêmica.

Dessa maneira, a apresentação dos capítulos ocorrerá da seguinte maneira: no primeiro capítulo explicamos a escolha da categoria mulher no nosso estudo e apresentamos as mulheres participantes da nossa pesquisa e suas relações construídas em um contexto fronteiriço com alunas/alunos.

No segundo capítulo, relatamos por meio das contribuições teóricas e críticas, a construção do conceito de Divisão Sexual do Trabalho e dos Estudos de Gênero. Conceitos estes, que consideramos conectados e interdependentes nas discussões feministas sobre o trabalho das mulheres e que dialogam ao longo desta pesquisa. Nossa intenção neste capítulo não é de esgotar todos os aspectos dos conceitos, mas

sim de apresentá-los a partir dos referenciais teóricos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção dos estudos das mulheres.

No terceiro capítulo, através de um mapeamento, relatamos sobre a relevância da nossa pesquisa em áreas de fronteira devido à escassez de publicações encontradas, bem como a necessidade de incluir a perspectiva de gênero nas análises sobre o trabalho da mulher.

No quarto capítulo, descrevemos os caminhos metodológicos escolhidos, bem como a perspectiva adotada para realizar a análise dos dados coletados, e a ferramenta utilizada para a coleta.

E no quinto capítulo, apresentamos os resultados e a discussão realizada baseada nos dados oriundos do questionário, tabulados e analisados. No primeiro momento, caracterizamos o grupo de mulheres participante do estudo, a seguir, analisamos especificamente questões que relatam sobre a Divisão Sexual do Trabalho e encerro apresentando quais as estratégias de apoio utilizadas no dia a dia pelas mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia.

Acreditamos assim, na relevância da nossa pesquisa a partir dos estudos e teorias feministas sobre o trabalho das mulheres, na ampliação da compreensão dos múltiplos discursos e sentidos sobre a divisão sexual do trabalho e de seus efeitos na vida pública e privada das mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia.

Considerações finais

Partindo da reflexão exposta ao longo dessa dissertação, reconhecemos a influência das fronteiras culturais, de etnias, de historicidades, espaciais e de línguas, como elementos da construção social, singular e coletiva das Mulheres Professoras da Fronteira Brasil-Bolívia, que vivem e trabalham na cidade de Corumbá, tanto nas relações familiares quanto com seus alunos/as, que este contexto fronteiriço além de ser fundamentado em trocas dialógicas também é gerador de sentidos.

Salientamos também que, como muitas autoras já haviam relatado desde as primeiras pesquisas acerca das assimetrias sociais e sexuais na sociedade capitalista, nossa pesquisa constatou que não há compartilhamento igualitário nos trabalhos domésticos. Uma vez que verificamos que as tarefas de limpar a casa, lavar, passar, cozinhar, são realizadas pelas mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia, e que seus esposos realizam apenas com a limpeza do quintal.

Já em relação ao trabalho de cuidado, constatamos que os esposos compartilham com as participantes os cuidados com as/os filhas/os, vão ao supermercado e pagam as contas no banco, entretanto a categoria mulher professora aparece em todos os trabalhos, fato que nos leva a compreender que mesmo dividindo os trabalhos, são as mulheres que dedicam mais tempo do seu dia para a realização dessas atividades em comparação aos homens.

Reconhecemos assim, a existência da divisão sexual do trabalho e sua influência na vida, nas relações familiares, sociais e de trabalho das participantes do nosso estudo.

A partir desse contexto, percebemos também que, as mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia pesquisadas são financeiramente independentes pois todas possuem trabalho remunerado, no qual 70% delas relataram que trabalham dois turnos e recebem cerca de 3 a 4 salários. Encontrapartida, como resultado, temos o somatório dos trabalhos remunerados e não remunerados que sobrecarregam o cotidiano das participantes.

Observamos dessa maneira, uma condição naturalizada de acordo com as respostas das participantes, as quais disseram considerar “exatamente justa” a parte dos trabalhos realizados por elas em casa (conforme respostas da questão 15). Dessa forma, observamos a naturalização na divisão dos trabalhos domésticos e do cuidado

na organização familiar, uma vez que seguem a divisão: trabalhos de mulheres e trabalhos de homens.

Isso significa que, quem realiza o maior número de tarefas domésticas e de cuidado somadas as atividades profissionais são as mulheres participantes da nossa pesquisa, sendo que elas ficam responsáveis por 5 dos 9 trabalhos, e nas outras 4 atividades elas também participam da categoria casal.

Situação que acreditamos ser resultado do processo de construção e estruturação das relações androcêntricas, patriarcais e sexistas fundamentadas e divididas com base no gênero. Bem como dos discursos naturalizados mantenedores de um sistema patriarcal, que vê as mulheres como subcategoria e as disciplinam para servir e trabalhar por amor e sem remuneração.

Além disso, compreendemos que a rede de apoio construída pelas participantes é composta primeiramente pelo marido, em seguida pela religião, mãe e família, característica que pode ser justificada com base no modelo patriarcal tradicional presente nas famílias das envolvidas no estudo, em que os homens são responsáveis por tomar as decisões da casa e da família, bem como das tarefas ligadas ao espaço público, e por esse motivo são os primeiros a ser consultados pelas mulheres, considerados assim como apoio.

Em relação as estratégias de manutenção da saúde mental, física e social, verificamos que não há busca por um profissional habilitado, situação que leva as mulheres professoras da fronteira a buscarem na família, na religião, nas atividades físicas, no lazer bem como nos amigos/as um suporte de cuidado e bem-estar.

Salientamos assim que, através de todas as reflexões, críticas, questionamentos e enfrentamentos das questões ligadas as relações desiguais de gênero e sobre o trabalho da mulher, percebemos a necessidade e relevância de continuarmos produzindo pesquisas, seja através de grupo de estudos ou projetos de extensão, na graduação e na pós-graduação, bem como dar uma devolutiva aos participantes dos estudos, pois já tivemos diversas conquistas em prol das mulheres por meio da ciência, mas que acreditamos que estamos aquém da equidade de gênero desejada.

Destacamos com isso, a importância dos estudos que analisam o mundo do trabalho, principalmente sobre os trabalhos das mulheres, de assumirem a perspectiva de gênero nas suas análises, visto que através desse posicionamento é possível lutar a favor da desnaturalização dos papéis sociais, das relações de poder

sexistas, e ao mesmo tempo dar visibilidade a categoria de mulheres e reconhecer a invisibilidade de seus trabalhos.

É pertinente destacar também, a relevância da epistemologia feminista na produção de conhecimento científico, que além de contribuir na fundamentação teórica e metodológica, nos possibilitou a reflexividade dos determinantes históricos, socioculturais e políticos estruturantes das relações sociais, bem como a compreensão acerca das assimetrias históricas vivenciadas por mulheres, relatadas através do movimento feminista.

Por esses motivos, evidenciamos que pesquisas e debates dentro e fora dos espaços acadêmicos sobre essas temáticas e por meio da teoria feminista e da perspectiva de gênero, são essenciais para ampliarmos a conscientização e empoderamento feminino em busca da efetividade e garantia de direitos para as mulheres na sociedade contemporânea.

À vista disso, acreditamos que nossa pesquisa, além de evidenciar a relevância dos estudos de gênero e da história das mulheres enquanto campo de conhecimento, contribuiu também para ampliação da discussão destas temáticas no campo das ciências humanas, especificamente na psicologia social, sendo que constatamos poucas produções acerca desses contextos de fronteiras e da perspectiva de gênero do trabalho da mulher.

Mas principalmente, apontamos a urgência de produções acadêmicas acerca dos contextos em áreas de fronteira (conforme apresentado no mapeamento), pois não encontramos nenhuma publicação sobre mulheres professoras da fronteira, fato que demonstrou uma das relevâncias da nossa pesquisa.

Contudo, compreendemos com base nos dados da nossa pesquisa realizada com mulheres professoras da fronteira Brasil-Bolívia, especificamente na cidade de Corumbá, que a divisão sexual do trabalho bem como o sexismo permanecem presentes nas famílias das participantes.

E que o avanço da categoria de mulheres nos espaços públicos por meio dos trabalhos remunerados, infelizmente não vem acompanhado da desnaturalização dos papéis sociais e nem do compartilhamento entre homens e mulheres dos trabalhos não remunerados ligados a organização familiar, em outras palavras, os afazeres domésticos e a função de cuidadora continuam sendo direcionados obrigatoriamente às mulheres na nossa sociedade.

Portanto, acreditamos na emergência da ampliação da compreensão e ressignificação do trabalho não-remunerado como um trabalho, que exigem tempo, saúde, e dedicação para a sua realização.

Referências

- Almeida, Alessandra., Miranda, Helena., & Andrade, Darlane. (2010). Gênero e psicologia: um debate em construção no crp-031. *Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto. Recuperado de http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278244103_ARQUIVO_texto_fazendo_genero.pdf.
- Almeida, Elaine Aparecida Cancian de. (2005). *A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza*. O caso de Corumbá (MS). 211 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, DouradosMS. 2005. Recuperado de <http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADODOUTORADO-HISTORIA/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Elaine%20Cancian.pdf>
- Antunes, Ricardo. (2013). *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. Coimbra: CES/Almedina.
- Araújo, Clara & Scalon, Celi. (2005). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ávila, Maria Betânia. (2012). *Trabalho, desenvolvimento e os impactos na vida cotidiana*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert.
- Barbosa, Patrícia Zulato., & Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*; 24(3): 577-587. Recuperado em : <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/11.pdf>
- Beauvoir, Simone de. (1949). *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bertho, Helena. (2019). “Para as mulheres, sexo sempre foi trabalho”, diz Silvia Federici. *Revista AzMina*. Recuperado em: <https://azmina.com.br/reportagens/para-as-mulheres-sexo-sempre-foi-trabalho-diz-silvia-federici/>
- Berth, Joice. (2018). *O que é empoderamento?* Belo Horizonte (MG): Letramento.
- Biblioteca Virtual em Saúde. *Descritores em Ciências da Saúde (DECS)*. 2015. Recuperado de <http://decs.bvs.br/P/decsweb2015>.
- Biroli, Flávia. (2018). *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Bruschini, Maria Cristina A. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa* 37.132: 537-572. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf>.

- Castro, Amanda Motta Angelo., & Egger, Edla. (2012). Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista. *Sociais e humanas*. Santa Maria, v. 25, n. 02, julho/dezembro, p.231-238. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2862>
- Conceição, Antonio Carlos Lima, & Aras, Lina M. Brandão. (2014). Por uma ciência e epistemologia(s) feminista: avanços, dilemas e desafios. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*. Edição nº 29 e 30, jan a jun. Recuperado de <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6123>
- Corumbá-MS. (2015). *Prefeitura Municipal*. Recuperado de <http://www.corumba.ms.gov.br/site/corumba/2/>.
- Costa, Gustavo Vilela Lima. (2015). Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. *Mana*, Rio de Janeiro. v. 21, n. 1, p. 35-63. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132015000100035&lng=en&nrm=iso.
- Costa, Gustavo V. L. (2013). “O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil Bolívia”. *Tempo Social*, 25:141-156. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702013000200008&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Costa, Gustavo V. L. (2010). “As fronteiras da identidade em Corumbá-MS: significados, discursos e práticas”. In: G. V. L. da Costa; E. A. Costa & M. A. M. Oliveira (orgs.), *Estudos fronteiriços*. Vol. 1. 1ª.ed. Campo Grande: Editora UFMS. pp. 69-98.
- Curado, Jacy Corrêa. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES OU DE GÊNERO EM MATO GROSSO DO SUL: que “diferença” política faz? Que diferença “a política” faz?. In: Marisa de Fátima Lomba de Farias, Alexandra Lopes da Costa e Luciana Branco Vieira (Organizadoras). *Mulheres na história de Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: ed. UFGD. pp 89-106.
- Curado, Jacy Corrêa. (2008). *Gênero e os sentidos do trabalho social*. Editora Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande - MS.
- Duran, María Angels. (2000). Uso del tempo y trabajo no remunerado. *Revista de Ciencias Sociales*, nº 18, p. 59 a 69.
- Ferreira, Márcia Ondina Vieira (2015). Docência e Gênero. IN: Colling, Ana Maria & Tedeschi, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD. pp – 175-181.
- Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução*. Editora Elefante. Edição do Kindle.
- Fraccaro, Glaucia. (2018). *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: FGV editora.

_____ (2017). Notas sobre gênero em O Capital de Marx1. *Cadernos cemarx*, nº 10. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/2940/2227>

Guedes, Moema de Castro., & Araújo, Clara. (2011). Desigualdades de gênero, família e trabalho: mudanças e permanências no cenário brasileiro. *Revista Gênero*, v.12, p.61-79. Recuperado de http://periodicos.uff.br/revistagenero_teste/article/download/23569/13778.

Hacking, Ian. (2000). *The social construction of what?* London: Harvard University Press.

Hahner, June. (1978). *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. pp 175.

Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu* (5), pp. 07-41. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>.

Hirata, Helena., & Kergoat, Danièle. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>.

Hirata, Helena. (2002). *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo.

Hirata, Helena & Zarifian, Phillipe. (2000). O conceito de trabalho. In: Hirata, H. (Orgs). *Dictionnaire Critique du Feminisme*. Paris: PUF.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2019). *Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/694dba51d3592761fcbf9e1a55d157d9.pdf

_____. (2019). *População estimada*: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho. Recuperado em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>

_____. (2016). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*: Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE.

_____. (2015). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>

Kergoat, Danièle. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora UNESP: São Paulo., p. 67–75.

_____. (1996). Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: Lopes, M. J. M.; Meyer, D.E.; Waldow, V.R. (Orgs.) *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas. Recuperado de https://polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf.

Ketzer, Patricia. (2017). Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. *Argumentos*, ano 9, n. 18 - Fortaleza, jul./dez. Recuperado em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/31031>.

Lauretis, Teresa. (1994). A tecnologia do gênero. In: Hollanda, B.H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lima, Camila Rodrigues Neves de Almeida. (2018). Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(3): e47164. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&nrm=iso

Louro, Guacira Lopes. (2014). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Louro, Guacira Lopes. (2001). Mulheres na sala de aula. IN: Del Priore, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 5ed. São Paulo: UNESP/Contexto. P. 443-481.

Louro, Guacira Lopes. (1986). Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.11, n.2, p.25-56, jul./dez.

Martins, José de Souza. (2018). *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.

Marx, Karl. (2013). *O capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo.

Mancilla Barreda, Suzana Vinícia. (2018). Um olhar às identidades regionais bolivianas em contexto de fronteira: limites Bolívia-Brasil. *Revell - revista de estudos literários da uems*. Recuperado de <http://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2390>.

Marassi, Patrícia F. & Curado, Jacy Corrêa. (2018, novembro). A invisibilidade das mulheres professoras na análise do trabalho docente. *Anais do Congresso Internacional de Direitos Humanos-CIDH*. Campo Grande, Brasil.

Marassi, Patrícia Ferreira. (2017). Saúde do trabalhador e docência: um estudo com professoras do atendimento Educacional Especializado da Rede Municipal do interior do estado do Mato Grosso do Sul. (*Trabalho de Conclusão de Curso*). UFMS-CPAN. Recuperado em: <https://cpan.ufms.br/psicologia>

- Machado, Maria Clara T. (2000). A categoria Gênero, cotidiano e cultura: O diálogo com as fontes documentais. *Cadernos Femininos*, vol.07. IN: *Caderno Espaço Feminino*, v. 7, nº. 7/8, Julho /99 Julho /2000 Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS)- NEGUEM.
- Mead, Margareth. (1935). *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva.
- Melo, Hildete Pereira de. & Thomé, Débora. (2018). *Mulheres e poder: Histórias, ideias e indicadores*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Melo, Hildete Pereira de., & Castilho, Marta. (2009). Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? *R. Econ. contemp.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-98482009000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
- Menegon, V. S. M. (2003). *Entre a linguagem dos direitos e a linguagem dos riscos: os consentimentos informados na reprodução humana assistida*. (Tese de Doutorado em Psicologia Social), PUC-SP.
- Minayo, Maria Cecília. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, Maria Cecília & Sanches, Odécio. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*. 9(3):239-26.
- Maruani, Margaret, Hirata, Helena (Org.). (2003). *As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo/SP: Senac.
- Neto, João. (2017). Novos arranjos familiares. *Revista retratos: a revista do IBGE*, n 6, p. 17. Recuperado em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf
- Nicholson, Linda. (2000). Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, 8(2), 9. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>
- Neves, Sofia., & Nogueira, Conceição. (2005). Metodologia Feministas: A reflexividade ao serviço da investigação nas Ciências Sociais. *Psicologia; Reflexão e Crítica*.18(3), pp.408-412. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300015&script=sci_abstract&tlng=pt
- Nogueira, Conceição. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4117>.

Nunes, João Arriscado. (2002), "Teoria crítica, cultura e ciência: o (s) espaço (s) e o (s) conhecimento (s) da globalização". In: Santos, B. de S. (org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2. ed. São Paulo, Cortez, pp. 301-344.

Organização Internacional do Trabalho – OIT. (2018). *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Tendencias 2018*. Ginebra: OIT.

_____. (2016). *Las mujeres en el trabajo: Tendencias de 2016*. Ginebra. Recuperado de https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_483214/lang--es/index.htm.

Pedro, Joana Maria. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt.

Piscitelli, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. *Textos Didáticos*, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

Picanço, Felícia Silva. (2005). Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. P. 149-172. In: Araújo, Clara & Scalón, Celi. (2005). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Priore, Mary Del. (1988). *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto.

Rago, Margareth. (2004). Trabalho feminino e sexualidade. In: *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). 7ª ed. São Paulo: Contexto, p. 578-606.

Rubin, Gayle. (1975). "The traffic in women: notes on the political economy of sex" In: Rayna Reiter (org), *Toward an anthropology of women*. New York, Monthly View Press.

Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. (2013). *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*. 3. ed . São Paulo: Expressão Popular.

_____. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna

_____. 1976. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.

Sanderberg, Cecília. (2004). O Trabalho Feminino no Brasil: Desigualdades de Gênero e Contrastes Regionais. *Ed. Coleção Bahianas Nº. 9, NEIM/UFBA/REDOR*. Recuperado de <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6872>.

- Santos, Carolina Maria Mota, Tanure, Betania., & Neto, Antonio Moreira de Carvalho. (2014). Mulheres executivas brasileiras: O teto de vidro em questão. *Revista Administração em Diálogo-RAD*. Vol.16, n.3, Set/Out/Nov/Dez. p.56-75. Recuperado em: [.https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/13791/17185](https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/13791/17185)
- SOF-Sempreviva Organização Feminista. (2014). *Para entender a economia feminista e colocar a lógica da vida em primeiro lugar*. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista.
- Souza, Rosa Fátima. (2006). Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval et al. (Org.). *O legado educacional do século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 33 - 70.
- Scott, Joan Wallach. (1988). *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press. PP. 28-50.
- Soares, Cristiane; Melo, Hildete; Bandeira, Lourdes. (2014, novembro). O trabalho das mulheres brasileiras: uma abordagem a partir dos censos demográficos de 1982 a 2010. *Anais do XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP. São Pedro/SP.
- Sousa, Luana Passos de., & Guedes, Dyeggo Rocha. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30 (87). Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123.
- Souza-Lobo, Elizabeth. (1991). *A Classe Operária tem dois sexos*. São Paulo: Edit. Brasiliense.
- Scavone, Lucila. (2008). Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 16(1): 173-186, janeiro-abril. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>.
- Serapioni, Mauro. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1): 187-192. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100016&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Spink, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]. Rio de Janeiro: *Centro Edelstein de Pesquisas Sociais*, 2010. 72 p. ISBN: 978-85-7982-046-5. Available from SciELO Books .
- Spink, Peter Kevin. (2003) "Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista". *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 18-42; jul./dez.
- Tedeschi, Losandro. (2008). *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú.
- Tiburi, Marcia. (2018). *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Villela, Heloisa de S. (2000). O mestre-escola e a professora. IN: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 2^a. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, p. 95-134.